

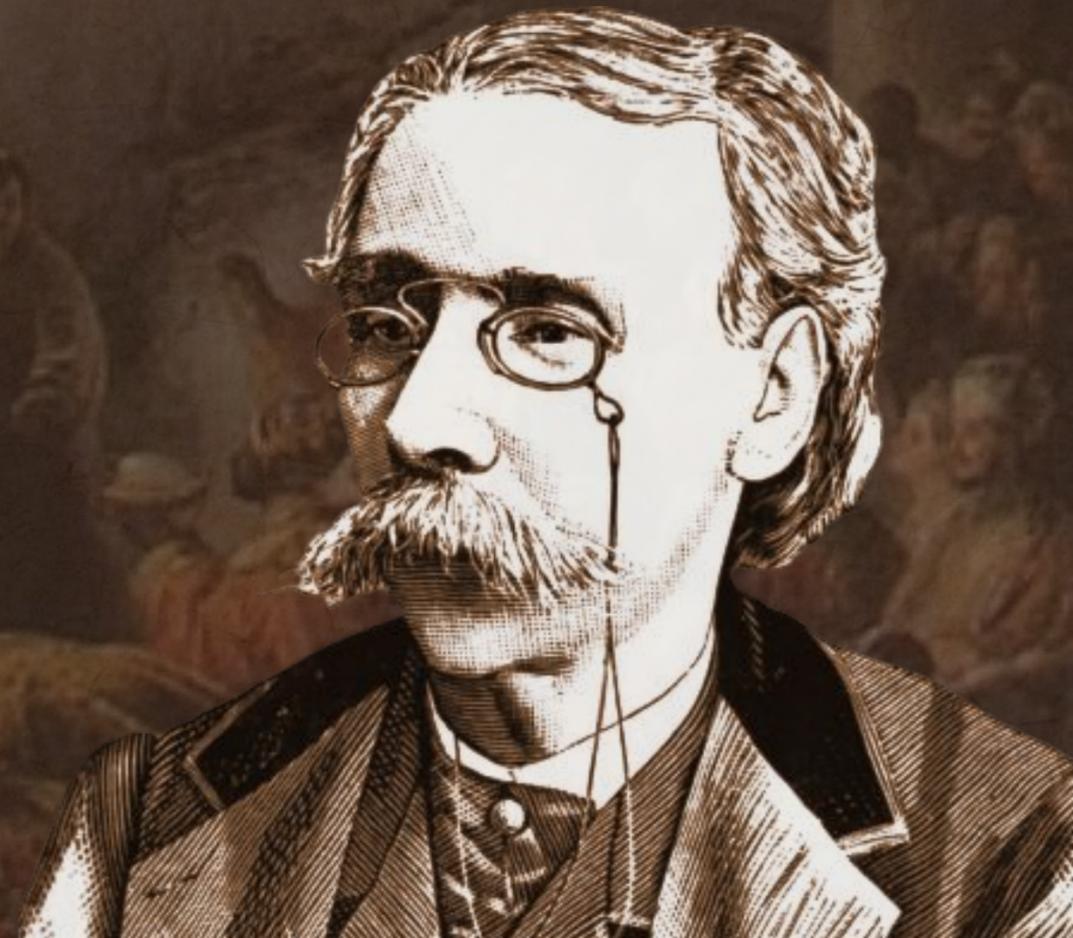
SEMINÁRIO DE LITERATURA PORTUGUESA II

PROF^A FLÁVIA CORRADIN

POESIA OU DINHEIRO? (1855)

A QUEDA DUM ANJO (1865)

CAMILO CASTELO BRANCO



QUEM FOI CAMILO CASTELO BRANCO? (1825-1890)

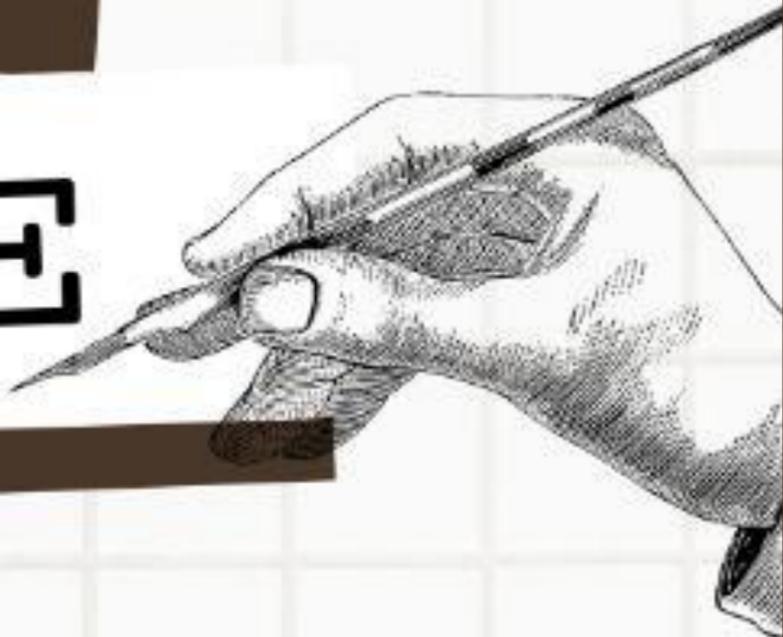
Vida marcada por sofrimentos e aventuras:

- Castelo Branco enfrentou conflitos pessoais, amorosos e familiares, problemas com a lei e até mesmo passagens pela prisão.
- Amores tumultuosos: Patrícia Emília do Carmo; a freira, Isabel Cândida; e Ana Augusta Vieira Plácido.
- Fundou dois jornais de caráter religioso: O Cristianismo e a Cruz, em 1852 e 1853, respectivamente.
- Sobre as polêmicas, são, ao menos, 36 das que se têm conhecimento: desentendimentos públicos/dívidas de jogo significativas.
- Castelo Branco sofria de problemas de visão e depressão, o que pode ter contribuído para seu comportamento instável.



Castelo Branco

TIMELINE



1825

NASCIMENTO

Nasce em Lisboa, Portugal, em 16 de março, em uma família aristocrata rural.

Estuda no Seminário de Santarém, mas abandona os estudos religiosos.

1836



1850

"ANÁTEMA"

Publicação de seu primeiro romance.

Conhece Ana Plácido. Em 1859 eles são presos por adultério e absolvidos em 1861.

1850

ANA PLÁCIDO

1855

"POESIA OU DINHEIRO?"

Ano de publicação de "Poesia ou dinheiro?" e, também, é preso por dívidas.

Ano de publicação do romance
"A Queda Dum Anjo"

1865

"A QUEDA DUM ANJO"



1870

PRESO POR DÍVIDAS

Sofre um acidente que deixou
5 vítimas fatais e 6 feridos
(entre eles, Camilo)

1883

POLÊMICA PÚBLICA

Recebe, pelo rei D. Luís I, o
título de 1º Visconde de
Correia Botelho

Preso por dívidas pela
segunda vez

1878

**DESASTRE FERROVIÁRIO
DE ERMESINDE**

Castelo Branco teve
desentendimentos com
Avelino Calisto

1885

**PRIMEIRO VISCONDE DE
CORREIA BOTELHO**



1890
FALECIMENTO

Castelo Branco tira sua
própria vida em 1º de junho
em Portugal.

FAMA PÓSTUMA



UM DOS PRINCIPAIS REPRESENTANTES DO ROMANTISMO EM PORTUGAL (SÉCULO XIX)

- Escrevendo, em média, 6 obras por ano, produziu mais de 260 obras, nas quais são abordados temas como paixão, orfandade, amor trágico, ciúmes e conflitos sociais.
- Inspirou grandes nomes da Literatura Portuguesa como **Abel Botelho** e **Aquilino Ribeiro**.
- Sua escrita explora dilemas morais, conflitos psicológicos e dramas amorosos; reflete sua própria experiência pessoal e sentimentos intensos; aborda questões como o sistema educacional, a aristocracia decadente e as desigualdades sociais.
- Apesar das polêmicas em sua vida, Camilo é reverenciado como um dos grandes escritores da literatura portuguesa. Sua escrita influenciou gerações posteriores de autores e ainda tem grande relevância para os estudiosos e leitores.

CAMILO CASTELO BRANCO POSSUI UMA VASTA PRODUÇÃO LITERÁRIA:

- ✓ Poesia
- ✓ Historiografia
- ✓ Contos
- ✓ Epistolografia
- ✓ Traduções
- ✓ Correspondências

**"QUALQUER PESSOA COM A BARRIGA CHEIA DE CLÁSSICOS É UM
INIMIGO DA HUMANIDADE"
(MILLER APUD. SOUSA, PÁG. 425)**

Citação retirada do artigo "A emancipação do coração", do professor de Literatura Portuguesa, Sérgio Guimarães de Sousa (Universidade de Minho).

ROMANTISMO EM PORTUGAL

Contexto Histórico

Século XIX – mudanças políticas, econômicas e sociais/filosóficas

Conflitos internos:

- Governo português lidou com ideias liberais (Revolução Francesa);
- Perseguição aos seus defensores.

Conflitos externos:

- Bloqueio continental (Napoleão, 1806) – impedimento de se relacionar com a Inglaterra;
- Família real se transfere para o Brasil.

Em Portugal – Invasões napoleónicas, desolação por conta da guerra, presença inglesa na administração do país

1820 – Liberais chegam ao poder – mudanças na estrutura de governo vigente (ideais liberais burgueses X defensores do absolutismo)

1822 – Independência do Brasil – conflitos dão espaço para retorno dos absolutistas

1826 a 1832 – Disputas ideológicas e conflitos armados entre esses dois polos prosseguiram em nível nacional

1834 – Liberais conquistam espaço e seus ideais têm espaço para crescer

Portugal - entrada na modernidade dominada por conflitos (século XIX)

- Consciência da época moldada por imagem de atraso em relação ao passado glorioso
- Contraste com avanços tecnológicos de países vizinhos – Alemanha, França e Inglaterra

Década de 1860 – inserção no padrão europeu de progresso

- Comunicação e linhas férreas – ligação com Paris (centro cultural da época)
- Liberdade de imprensa

Mudanças não alteram cenário nacional

- Manutenção do cenário de atraso econômico português
- Embate ideológico se dá sobretudo no plano intelectual

Cenário conflituoso em nível interno e externo não seria resolvido no século XIX

CLASSICISMO X ROMANTISMO

“A esta altura, é possível assinalar, em oposição ao estilo clássico, alguns componentes fundamentais da criação romântica. Se num prevalecia a serenidade, a ordem, o equilíbrio, a harmonia, a objetividade, a ponderação, a disciplina, agora predomina, segundo Croce [(1997)], a efusão violenta de efeitos e paixões, as dissonâncias, a desarmonia em vez da harmonia. O subjetivismo radical derrama-se incontido [...]. O ímpeto irracional, o gênio original e a exaltação dionisíaca sobrepõem-se à contenção, à disciplina apolínea da época anterior. Prepondera o elemento noturno, algo de selvagem e também de patológico, uma inclinação profunda para o mórbido, a ponto de Goethe ter defendido o Classicismo como aquilo que é sadio e ter visto no Romantismo a encarnação do doentio.” (ROSENFELD, p. 2002, p. 268, destaques nossos)



O Juramento dos Horácios,
Jacques-Louis David, 1784,
óleo sobre tela, 330 × 425 cm,
Museu do Louvre, Paris,
França.



A adoração dos Magos,
Domingos Sequeira, 1828,
óleo sobre tela, 100 × 140
cm Museu Nacional de
Arte Antiga, Lisboa,
Portugal.

ROMANTISMO EM PORTUGAL

Contexto Artístico

Marcos iniciais:

- 1825 - Poema Camões, de Almeida Garrett (publicado na França);
- 1836 - A voz do poeta de Alexandre Herculano – movimento se constitui como código estético-literário.

Início do século XIX – Portugal como periferia de sua própria cultura

- Corte no Brasil, protetorado inglês;
- Ausência de influência e independência cultural (diferente de Inglaterra, França e Alemanha).

Elementos nacionais: saudade e aspecto místico da formação de Portugal

1º Momento

Romantismo - surgimento tardio, por via sobretudo francesa

- Ênfase na aproximação entre a literatura e a identidade nacional;
- Oposição ao classicismo;
- Individualismo sentimental – inspiração no mundo interior, centramento no sujeito e psicologização da criação artística;
- Teor melancólico e pessimista;
- Sentimentalismo exacerbado – ligado à relação entre amor e morte;
- Irracionalidade e morbidez.

Nível estilístico – lenta absorção das novidades

- Manutenção da herança neoclássica (léxico, sintaxe, referências clássicas, alusões à mitologia e alegorias, modelos greco-latinos e referências iluministas);
- Busca de linguagem mais natural e cotidiana;
- Reflexão sobre escrita, literatura e arte.

2º Momento

Romantismo cai no formalismo convencional – sentimentalismo exagerado

- Conhecido como Ultra-Romantismo;
- Presença dominante no cenário cultural entre as décadas de 1840 e 1860;
- Excessos e mecanização das características oriundas do contato com a França;
- Banalização - tríade amor-morte-noite, temas melancólicos e soturnos;
- Estilização, tom melodramático, lamuriento, ingenuidade pueril, uso desproporcional de adjetivação, forma sobreposta ao conteúdo, desconexão entre os meios utilizados e o objetivo da criação artística;
- Perda da faceta crítica – produção artística voltada para os interesses da burguesia como maior público leitor.

3º Momento

Romantismo social

- 1965 – contestação cultural e intelectual do Romantismo solapado;
- Crítica ao artificialismo e convencionalismo em vigor;
- Defesa da arte como forma de consciência insubmissa;
- Retomada da criticidade em nível cultural, artístico e social;
- Período de abertura de Portugal (ferrovias e comunicação);
- Maior intercâmbio intelectual – contato com a modernização europeia.

POESIA OU DINHEIRO?

PERSONAGENS

D. Henriqueta;

D. Sofia;

Bernardo Rodrigues, marido de D. Sofia;

Manuel Alves, Brasileiro;

Júlio Correia, Literário;

Carlos de Meireles, Irmão de Henriqueta;

Um criado.

ATO I

- 9 CENAS

ATO II

- 14 CENAS

ATO I

- A história começa com o encontro de Henriqueta e Sofia que, a partir de um poema feito pela Henriqueta, esta deixa bem claras as suas opiniões sobre o amor, o dinheiro e casamento forçado;
 - Amor oculto de Sofia por Carlos;
 - Manipulação de Carlos;
 - Submissão de Sofia;
 - Clímax;
 - O Ato I conclui-se a partir da exposição da dualidade presente na discussão entre os personagens.
-

ATO II

- Corte temporal entre os Atos;
 - Consequências da ambição de Carlos;
 - Aceitação da morte por parte de Henriqueta;
 - Nem poesia, nem dinheiro: só a morte;
 - A morte da poesia (Henriqueta) e do dinheiro (Carlos).
-

CONCLUSÃO

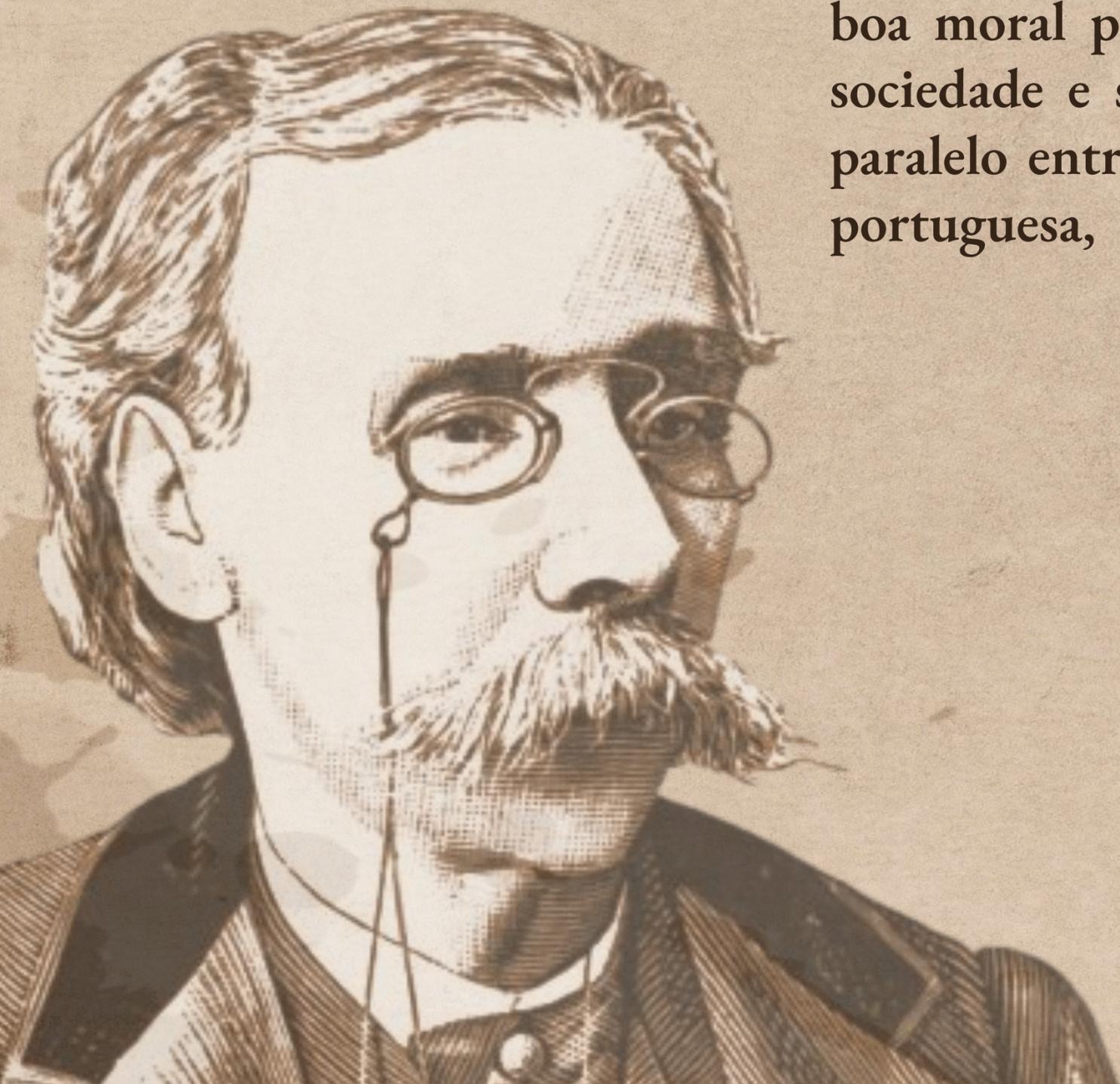
O conflito que se apresenta ao longo da obra é um impasse entre o sentimental e o materialismo, próprio do melodrama burguês. Pode-se observar na peça a defesa do idealismo romântico, representado por Júlio e D. Henriqueta, a partir da tragédia que ocorreu após o triunfo do “dinheiro” no primeiro ato. Assim, denota-se a crítica às normas sociais que causam o desfecho infeliz das personagens.



A QUESADA DUM ANJO

CONTEXTO LITERÁRIO E EXTRALITERÁRIO

O período em que Camilo Castelo Branco escreve seu romance é conhecido na história de Portugal como Regeneração. Durante esse momento da história portuguesa, o país enfrenta uma série de estrangeirismos que abalam as estruturas vigentes do sistema mais arcaico e rural das cidades. Lisboa e Porto serão os epicentros dos movimentos liberais e parlamentaristas de Portugal, gerando o choque entre o antigo e o moderno, a tradição e o novo.



Dessa maneira, o livro se torna uma sátira irônica sobre a decadência da boa moral portuguesa, a contaminação dos sistemas que compõem a sociedade e seu estilo de vida. Logo, podemos fazer um interessante paralelo entre o protagonista Calisto Elói e a trajetória da decadência portuguesa, de maneira a

“simbolizar tanto um percurso pelo qual a nação portuguesa atravessa, isto é, uma suposta modernização, em múltiplas esferas (política, econômica, cultural...) quanto uma cisão em duas temporalidades desse Portugal camiliano: a da tradição e a da modernidade, que encontram correspondências espaciais, respectivamente, em Miranda e em Lisboa” (DRUMMOND, 2010, p. 2).

ENREDO

Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda vai para Lisboa após ser eleito deputado.

Primeiras mudanças da personagem com o intuito de agradar a amada — que não cede.

O protagonista termina sua transição deixando de viver completamente com D. Teodora e vive com Ifigênia, com quem tem dois filhos.

Calisto Elói conhece Adelaide e se apaixona ardentemente por ela.

Ele se apaixona por Ifigênia, uma viúva brasileira e bela, e passa a ter um caso com ela.

ASPECTOS DA OBRA

- 1865 Primeira publicação da obra, dedicando-a a António Rodrigues Sampaio.
- 1873 Publicação da segunda edição da obra, com uma advertência do autor.
- 1887 Publicação da edição definitiva, revisada e corrigida por Camilo Castelo Branco.

ADVERTENCIA DA SEGUNDA EDIÇÃO

A pressa com que nos foi pedida a revisão d'este livro, segunda vez editorado, estreitou-nos o tempo necessario para colher informações da vida que levaram os personagens d'esta historia, no lapso de sete annos. Começamos desde já em averiguações. Se a colheita, valer um volume, tem o leitor romance novo; se não, algumas noticias lhe serão annunciadas na futura edição, que muito é de esperar de livro por tanta maneira sincero e transigente com as paixões más e com os tollos peores.

O auctor cuidou, quando escreveu esta novella, que alguma intenção moralisadora se transluzia da contextura da historia. Hoje, por lh'o haver dito um amigo franco, está persuadido que o seu livro não morigerou; mas tambem não escandalisou ninguem. Isto é consolativo, ainda assim.

FOCO NARRATIVO

EMBREAGEM E DEBREAGEM

eu, aqui, agora

ele, lá, então

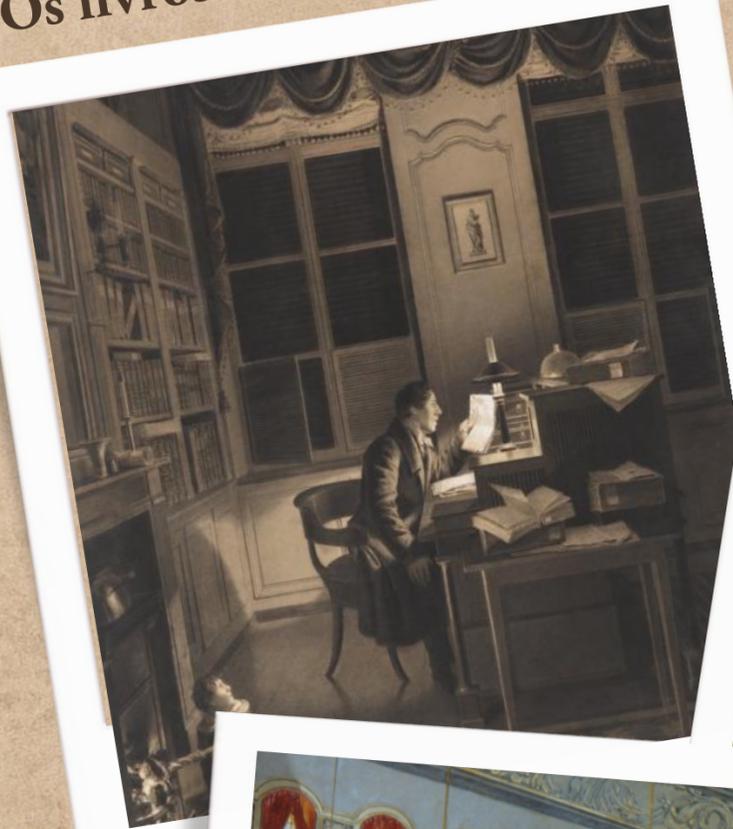
Páginas 83 e 84

“Da maior, e talvez única d'ôr litteraria da sua vida, fui eu causa. Calisto, pernoitando em não sei que solar de damas dadas à leitura amena, pediu algum livro, e deram-lhe um romance meu. Consta-me que deixou o volume com as margens anotadas de gallicismos e manchas de toda a casta. Imaginem quantas punhaladas eu dei n'aquelle lusitanissimo coração!”

Páginas 282 e 283

“[Calisto] releu com pejo a sua obra, e ordenou a um criado que queimasse o manuscrito. O criado não o queimou. Escondeu-o sem máo intento; e alguma vez saberá o mundo litterario como aquelles papeis vieram á minha mão, e ainda me são deleite e lição de sã linguagem e sãs doutrinas.”

1. Os livros



2. As roupas



3. O parlamento

A NARRAÇÃO E A SOCIEDADE

1.

“Calisto Eloy de Silos estava uma esbelta figura de homem. A cara compuzera-se arabicamente. O bigode cerrado e negro caia-lhe sobre as clavículas. O descostume da leitura restituira-lhe o aprumo da espinha dorsal” (p. 210).

“[O gabinete] decorado de graciosas estantes e étagères, cheias de livros luxuosamente encadernados, acondicionados com tão elegante symetria que induziam muito mais à contemplação que á leitura” (p. 203).

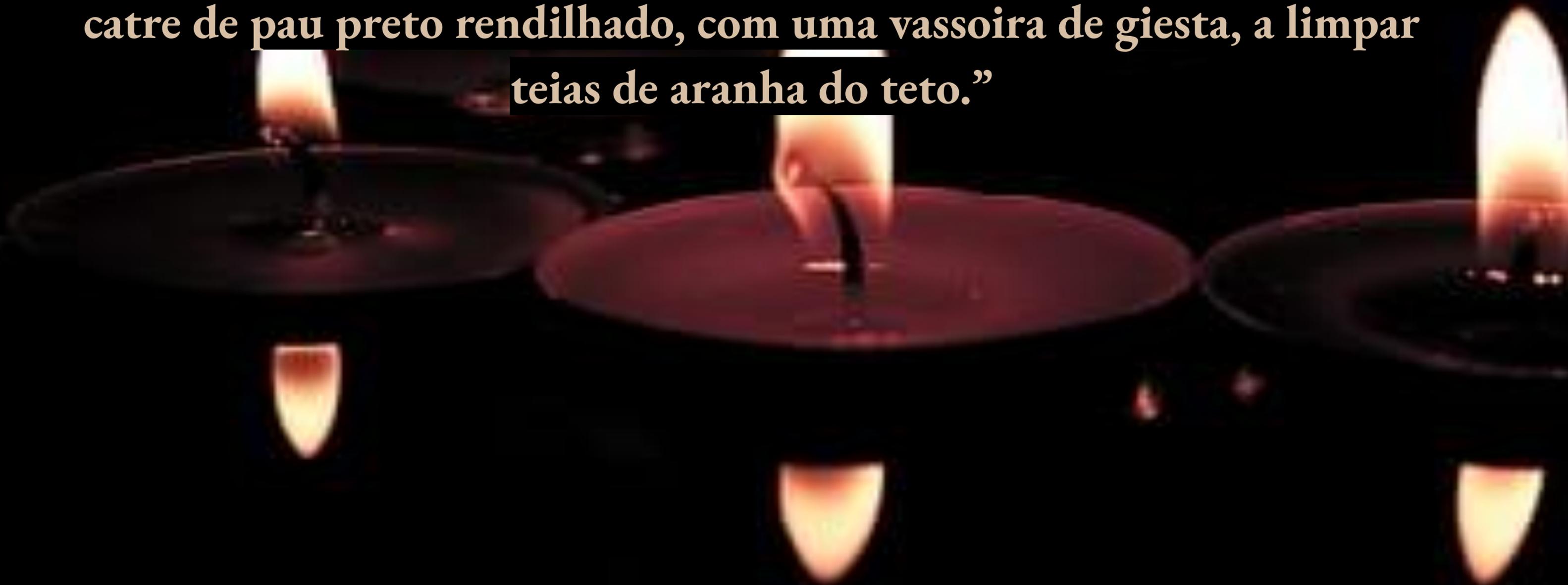
2.

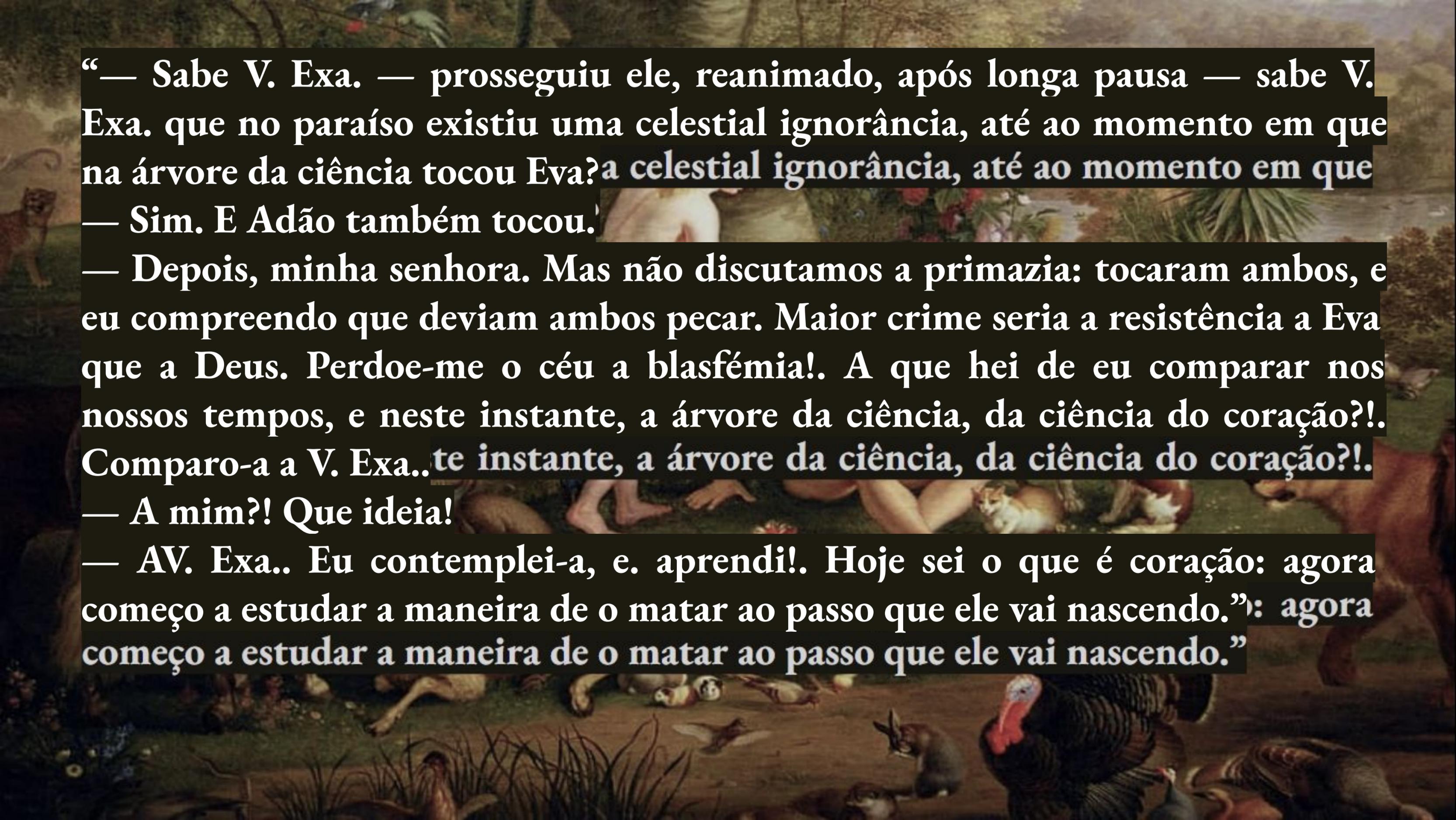
“Aquella alma vae-se transformando à proporção da roupa. Assim como o leitor, à medida que o amor lhe fosse avassalando o peito, escreveria paginas intimas, ou ainda peor, cartas corrupto as à mulher querida, Calisto, em vez d'isso, muda de calças” (p. 136).

3.

“O parlamento é visto como espaço onde se encena uma democracia, fingindo-se preocupação com o país. Fazem-se ali juramentos que se sabem apenas formais, bem como discursos inflamados, cuja intenção é dominar pela ironia retórica, estabelecendo-se uma relação de poder, com definição de dominadores e dominados” (DUARTE, 2001, p. 100).

“Calisto, ao outro dia da primeira noite de esposo, por volta das sete horas da manhã, já estava a ler a *Viagem à Terra Santa*, por frei Pantaleão de Aveiro; e, à mesma hora, a noiva andava de pé sobre um catre de pau preto rendilhado, com uma vassoira de giesta, a limpar teias de aranha do teto.”



The background is a classical painting depicting a garden scene. In the foreground, there are various animals, including a large turkey, several chickens, and a dog. In the middle ground, a figure is lying on the ground, possibly dead or unconscious. The background shows a lush garden with trees and foliage. The overall scene suggests a narrative related to the text, possibly the Fall of Man.

“— Sabe V. Exa. — prosseguiu ele, reanimado, após longa pausa — sabe V. Exa. que no paraíso existiu uma celestial ignorância, até ao momento em que na árvore da ciência tocou Eva? a celestial ignorância, até ao momento em que

— Sim. E Adão também tocou.

— Depois, minha senhora. Mas não discutamos a primazia: tocaram ambos, e eu compreendo que deviam ambos pecar. Maior crime seria a resistência a Eva que a Deus. Perdoe-me o céu a blasfémia!. A que hei de eu comparar nos nossos tempos, e neste instante, a árvore da ciência, da ciência do coração?!. Comparo-a a V. Exa.. te instante, a árvore da ciência, da ciência do coração?!.
Comparo-a a V. Exa..

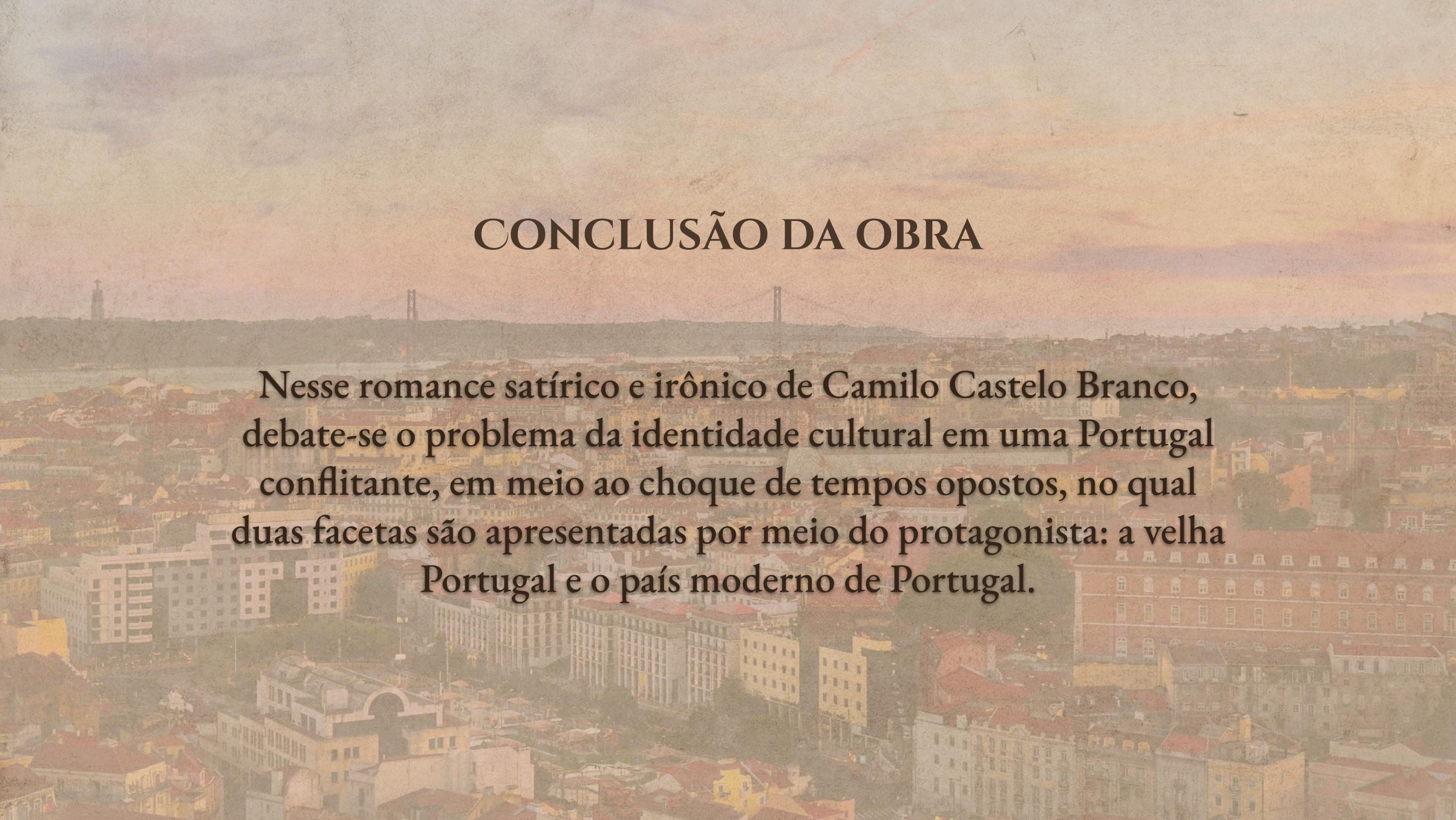
— A mim?! Que ideia!

— AV. Exa.. Eu contemplei-a, e aprendi!. Hoje sei o que é coração: agora começo a estudar a maneira de o matar ao passo que ele vai nascendo.”: agora começo a estudar a maneira de o matar ao passo que ele vai nascendo.”

**Teodora:
mulher-anjo e
portuguesa.**

**Ifigênia:
mulher fatal e
brasileira.**



An aerial, slightly hazy view of a city, likely Lisbon, Portugal. The foreground is filled with dense, multi-story buildings with red-tiled roofs. In the middle ground, a large suspension bridge spans across a body of water. The background shows a hazy horizon under a soft, overcast sky. The overall tone is muted and historical.

CONCLUSÃO DA OBRA

Nesse romance satírico e irônico de Camilo Castelo Branco, debate-se o problema da identidade cultural em uma Portugal conflitante, em meio ao choque de tempos opostos, no qual duas facetas são apresentadas por meio do protagonista: a velha Portugal e o país moderno de Portugal.

“A Queda dum Anjo”, de João Afonso

Link para música:

https://www.youtube.com/watch?v=a5ot81D_p4



**OBRIKADO PELA
ATENÇÃO!**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONTEXTUALIZAÇÃO ARTÍSTICA E HISTÓRICA

- CORRADIN, F. M. Abrem-se as cortinas. In O teatro da história em Jaime Gralheiro: futuro de que passado? Saarbrücken, Deutschland, Novas Edições Acadêmicas, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/47369/51106> Acesso em: 15 nov. 2023.
- CROCE, B. Breviário de Estética / Aesthetica in nuce. São Paulo: Ática, 1997.
- GOMBRICH, E. H. A História da arte. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- GUERREIRO, E. O NASCIMENTO DO ROMANTISMO EM PORTUGAL. Rio de Janeiro. Revista Diadorim, v. 1, p. 66–82, jul. 2015.
- MEIRELES, M. C. Portugal no tempo do romantismo. In AS BELAS-ARTES em Portugal do Romantismo em Portugal. Lisboa: Instituto Português dos Museus, 1999.
- ROSENFELD, A. Romantismo e classicismo. In O Romantismo, org. J. Guinsburg, 4a ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Imagens

- WIKIMEDIA COMMONS. *O Juramento dos Horácios, Jacques-Louis David, 1784, óleo sobre tela, 330 × 425 cm, Museu do Louvre, Paris, França. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jacques-Louis_David,_Le_Serment_des_HoracesFXD.jpg Acesso em: 15 nov. 2023.*
- WIKIMEDIA COMMONS. *A adoração dos Magos, Domingos Sequeira, 1828, óleo sobre tela, 100 × 140 cm Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, Portugal. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_Adora%C3%A7%C3%A3o_dos_Magos_\(1828\)_-_Domingos_Sequeira.png](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_Adora%C3%A7%C3%A3o_dos_Magos_(1828)_-_Domingos_Sequeira.png) Acesso em: 15 nov. 2023.*

AUTOR

- SOUSA, Sérgio Guimarães de. “A emancipação do coração. desejo e patriarcado n’a queda dum anjo” in: Diacrítica. ciências da literatura. nº 22/03, p. 425-448, 2008.
- Sousa, S. G. de (2014). Avareza e enigma. Sobre Teodora e Ifigénia (A queda dum anjo). In S. G. de Sousa (org.), Representações do feminino em Camilo Castelo Branco (pp. 251-274). V. N. de Famalicão: Casa de Camilo – Centro de estudos.
- UNIVERSIDADE do porto. Camilo Castelo Branco. Disponível em: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20camilo%20castelo%20branco#:~:text=O%20segundo%20filho%20de%20Manuel,%C3%A0s%20origens%20humildes%20da%20progenitora.>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- REIS, C.; HENRIQUES, M.; MARQUES, L. R. Castelo Branco, Camilo. Disponível em: <http://dp.uc.pt/conteudos/entradas-do-dicionario/item/237-camilo-castelo-branco>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POESIA OU DINHEIRO?

BRANCO, Camilo Castelo. Poesia ou dinheiro.

CORRADIN, Flávia Maria. Dois exercícios dramáticos de Camilo Castelo Branco. *Forma Breve*, n. 3, p. 359-368, 2005.

CORRADIN, Flavia Maria Ferraz Sampaio . A dramaturgia camiliana a espelhar sua mundividência *Todas as Musas: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte (Online)* , v. 1 , p. 7 - 18 , 2009

NOBRE, Ricardo. «O que então conscienciosamente escrevi»: Camilo Castelo Branco sobre a crítica de Poesia. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 22, p. 123-138, 2018.

A QUEDA DUM ANJO

BRANCO, Camilo Castelo. *A queda dum anjo*. Lisboa: Campos & C.^a, 1887.

DRUMOND, A. L. OS DOIS PORTUGAIS CAMILIANOS: A NAÇÃO PORTUGUESA EM "A QUEDA DUM ANJO". *Revista Desassossego*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 5-13, 2010. DOI: 10.11606/issn.2175-3180.v2i4p5-13. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/47369>. Acesso em: 08 nov. 2023.

DUARTE, Lélia Parreira. Ironias do enunciado e da enunciação em *A queda dum anjo*. *Caderno Cespuc de Pesquisa*, Belo Horizonte, n. 7, p. 95-113, maio 2001.

FIORIN, Jose Luiz. A respeito dos conceitos de debreagem e de embreagem: as relações entre semiótica e linguística. *Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada*, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 12-38, 1 jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/issue/view/878/271>. Acesso em: 12 nov. 2023.

FREITAS, Lucas do Prado. Filosofia do vestuário e transformações sociais: uma análise de *A queda dum anjo*. *Olho D'água*, São José do Rio Preto, v. 15, n. 1, p. 148-163, Jan.-Jun. 2023. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/973/802>. Acesso em: 08 nov. 2023.